

# Escola de Biblioteconomia da UFMG

## 30 anos de atividades

A Escola de Biblioteconomia da UFMG está comemorando este ano o seu trigésimo aniversário. Em Sessão Solene realizada no auditório da Faculdade de Educação da UFMG foram proferidos os seguintes discursos:

### SEMENTE BEM LANÇADA

Prof.<sup>a</sup> CACILDA BASILIO DE SOUSA REIS

Findava o mês de outubro de 1950. Eu, meu marido e dois filhos acabávamos de transferir residência do Rio de Janeiro para Belo Horizonte. Comigo, um convite do Instituto Nacional do Livro, Órgão do Ministério da Educação e Cultura, para colaborar no Curso de Biblioteconomia, a funcionar regularmente na Capital mineira, a partir de 1951, como conseqüência natural de um bem sucedido curso para professores (1950), patrocinado pela Secretaria da Educação do Estado e pelo INL, sob a direção da Professora Etelvina Lima.

Creio que, naquela época, em Belo Horizonte, na ativa, havia apenas três bibliotecários formados: Hélio Gravatá, excelente pesquisador, Etelvina Lima e a autora deste texto.

Nos primeiros anos do Curso de Biblioteconomia, as disciplinas mais específicas de um curso dessa

natureza foram divididas entre mim e Etelvina. Coubaram-me Catalogação e Classificação. Algum tempo mais tarde, convidei a Bibliotecária Maria Martha de Carvalho para assumir a Catalogação e, em 1960, ao mudar-me para São Paulo, entreguei a Classificação a Elton Eugênio Volpini. Dois ex-alunos e dois valores, evidentemente.

Trabalhar com Etelvina Lima foi uma das experiências mais gratificantes de minha vida profissional. Nela vi inteligência, cultura e capacidade de decisão, nitidamente projetadas para o futuro. Sua orientação contribuiu definitivamente para o embasamento que possibilitou o extraordinário desenvolvimento da biblioteconomia que o Estado de Minas Gerais viria a conhecer em, relativamente, curto espaço de tempo. Seu trabalho teve reflexos também no Paraná e no resto do país. Etelvina tem sido um modelo límpido e honesto. Louros colhidos em razão de seus esforços pessoais, por força de simplicidade e modéstia foram muitas vezes divididos comigo e com os demais colaboradores. Sempre lutou por um nível melhor de ensino, esquecendo-se de voltar a cabeça para verificar se os sons dos aplausos seriam para ela. Profissional no verdadeiro sentido do termo.

Na verdade, não consigo desvincular a lembrança da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, nosso orgulho, da figura discreta de Etelvina Lima, nossa mestra.

Semente bem lançada, sem dúvida.

\*\*\*

*Discurso da Representante dos Professores da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Prof<sup>a</sup> Odília Clark Peres Rabello.*

Em dias como os de hoje, em que comemoramos como instituição, mais um aniversário, pensamentos diversos nos vêm à mente e, sempre, uma pontinha de saudade nos persegue.

Há uma tendência de se lembrar o que passou, principalmente os momentos mais significativos e, de preferência, os mais felizes. E entre um e outro pensamento, fica a certeza de que estamos vivos.

E é diante desse desafio maior que está a nossa grande responsabilidade — de nos mantermos assim — o que para as instituições, como para as pessoas, significa uma luta diária, constante, muitas vezes árdua, mas sempre gratificante, de se continuar o trabalho iniciado.

E nós, professores, temos consciência de que a luta deve continuar e que a nossa responsabilidade torna-se cada dia maior, diante dos problemas gerais do ensino, e particularmente do ensino superior brasileiro; das exigências da sociedade por profissionais competentes e, ao mesmo tempo, conscientes de seu trabalho e de sua responsabilidade social e com sensibilidade para agir e atuar dentro de sua realidade — problema básico para os que lidam com o ensino e que exige um espírito de abertura, uma capacidade de nossa parte de adaptação às diferentes situações e uma busca de caminhos adequados aos novos tempos que aqui estão, num trabalho de revisão constante.

Diante dessa tarefa a realizar, desse fazer e refazer contínuo, é sempre valioso voltar a nossa lembrança ao que foi realizado, pois nos serve de exemplo e de experiência para o trabalho presente.

Devemos olhar o passado com o respeito devido ao que foi feito. E muito foi alcançado.

Alguns marcos como o início do Curso, sua inclusão na Universidade, a Pós-Graduação, a Revista da

Escola devem ser lembrados como exemplos, dentre vários.

Mas não nos esqueçamos dos fatos considerados menores, mas que marcam o dia-a-dia da Escola. Pois dos pequenos e dos grandes acontecimentos se forma a vida das instituições, como a das pessoas.

Pelo esforço conjunto, no trabalho diário e muitas vezes anônimo de todos — professores, alunos e funcionários — é que a Escola se manterá viva.

Se cada árvore se conhece pelo seu fruto, para que esse seja bom é preciso que alguém lance o grão na terra boa. E, nessa hora, não podemos esquecer-nos da Professora Etelvina Lima, que lançou a semente, que lutou para que caísse em terreno bom, para que crescesse e frutificasse, e que continua na nossa luta atual.

Que o seu nome represente todos aqueles que, em diferentes ocasiões, necessidades e dentro de suas possibilidades, contribuíram e contribuem para o crescimento da Escola.

E que sua atuação seja um exemplo para nós, professores, na busca de nossos caminhos.

\* \* \*

*Discurso da bibliotecária Maria Regina Gonçalves de Souza Santos, representando os ex-alunos do Curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.*

Ao receber o convite para vir até aqui falar em nome dos ex-alunos, nesta ocasião festiva em que a Escola de Biblioteconomia comemora seu trigésimo aniversário, muito me preocupei com o que falar. Parei para pensar e vi que, de certa forma, havia

acompanhado um pouco o crescimento da Escola nos últimos tempos.

Ao iniciarmos o curso, a Escola funcionava em condições precárias no porão do prédio do então Colégio de Aplicação, hoje Centro Pedagógico. No ano seguinte, em 1964, já a Escola viria se instalar no prédio da Reitoria, aqui no *campus*. Ao voltar, doze anos depois, como aluna do Curso de Pós-Graduação, no seu primeiro ano de funcionamento, já estava a Escola instalada no seu atual prédio.

Esta evolução é somente um dos fatores externos que bem demonstra a vitalidade e o dinamismo que caracterizaram a Escola, em toda a sua história.

Ao longo desses anos o objeto de estudo da biblioteconomia tornou-se amplo e complexo, abrangendo basicamente a organização do conhecimento e a sua difusão.

Com o surgimento da situação de competição técnica, científica e econômica entre as grandes potências, principalmente nas duas últimas décadas, ficou patente a importância da informação nesse contexto. A possibilidade do maior e do mais rápido acesso às informações tornou-se um dos indicadores do grau de desenvolvimento em um país. A partir daí, a implantação e a organização de serviços que possibilitassem um eficiente sistema de recuperação de informações, tendo por suporte processos adequados de seleção e armazenagem, se fizeram necessárias.

O papel do bibliotecário se alterou sensivelmente em função dessas mudanças. Várias outras denominações lhes foram atribuídas de acordo com a função que ele desempenha nas diversas instituições que trabalham a informação. São os bibliotecários também chamados de documentalistas, técnicos de informação e mesmo cientistas da informação.

Uma vez mudado o caráter da biblioteca e ampliados os seus objetivos, a formação profissional teve que ser alterada. Nesse sentido a Escola de Biblioteconomia tem procurado se manter numa posição de vanguarda através da constante busca de adequação curricular e da institucionalização da pesquisa.

Dada porém a rapidez com que se processam as mudanças, nem sempre as alterações necessárias foram feitas na velocidade desejada, o que é compreensível, face ao tempo de adaptação que todo processo de mudança exige. Mas se é possível assim resumir, a Escola sempre procurou fazer com que a defasagem não fosse muito grande.

Há que se ressaltar o papel pioneiro da Escola, ao lançar a primeira revista nacional especializada no campo da biblioteconomia, em 1972, e que continua a ser publicada regularmente. Tornou-se um dos importantes veículos de divulgação da biblioteconomia brasileira com a publicação de pesquisas, depoimentos, experiências e estudos desenvolvidos no país.

A criação do curso de mestrado, em 1976, o segundo a ser implantado no Brasil, é outro importante marco na história da Escola. As pesquisas que vinham sendo realizadas, embora esporádicas e não de forma sistemática, através do curso de graduação, encontraram condições mais propícias a seu desenvolvimento.

A preocupação constante com a formação de recursos humanos, objetivando a constituição de uma massa crítica de mestres e doutores, tem sido uma de suas principais forças. Essa política está praticamente consolidada e já vem apresentando seus resultados.

Fatores ainda como o alto índice de professores em tempo integral e a existência de uma excelente biblioteca como suporte às atividades de ensino e pesquisa é que contribuíram para que a Escola tenha

sido considerada, há dois anos atrás, a melhor escola do Brasil.

A ela portanto é que, neste momento, apresentamos as nossas congratulações na pessoa de sua diretora.

Mas mesmo assim, reconhecendo todas estas qualidades que lhe são inerentes, não podemos deixar de nos posicionar aqui como bons alunos que fomos, ou seja, como alunos questionadores e reivindicadores.

E é portanto na qualidade de ex-aluna da melhor escola do país que nos sentimos agora a vontade para reivindicar mais e sempre mais da Escola.

Queremos que a Escola seja mais atuante como centro irradiador de conhecimentos, de integração e reavaliação das experiências dos profissionais.

Queremos profissionais criativos, com iniciativa e espírito crítico, aptos a atuar num mundo em constante mutação, onde os valores, os conceitos, as habilidades se tornam obsoletas quase no momento de sua aquisição, como bem afirmou o educador Carl Rogers.

Queremos profissionais mais preocupados com a função social da biblioteca e com o seu papel de agente da cultura e do desenvolvimento do que com a mera aplicação das técnicas e fórmulas que aprenderam no curso.

Queremos ainda técnicos que não sucumbam ao sentir a pressão das complexas variáveis que influenciam hoje o nosso trabalho, como — o número incalculável de publicações, — a grande especificidade das informações, — a dificuldade do acesso direto a elas, — a necessidade de se trabalhar com modernos e sofisticados equipamentos de processamento de dados. Que os bibliotecários aprendam a conviver com todas estas realidades e saibam como enfrentá-las: utilizando-as a seu favor.

Finalmente, se não é querer demais, queremos uma escola aberta, interdisciplinar, em permanente

contato com seus egressos e atenta às oportunidades de auxiliá-los na solução dos novos problemas técnicos.

\* \* \*

*Discurso da representante do corpo discente do Curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Vilma Moreira Santos Rocha.*

Tentaremos neste momento participar de maneira muito especial dessa Sessão Solene da Congregação da Escola de Biblioteconomia em comemoração ao seu trigésimo aniversário.

Parece que esta é uma hora muito oportuna de reconhecer e aceitar, sem qualquer modéstia, as vitórias e conquistas que nossa Escola tem alcançado no correr dos tempos, o que a coloca hoje numa posição de destaque e vanguarda no ensino e desenvolvimento da biblioteconomia brasileira.

No âmbito da Pós-Graduação, podemos dizer que grande parte destas vitórias se deve aos esforços grandiosos de pessoas como Etelvina e Marta, sem nos esquecer de Ana Soledade que se encontra atualmente na Universidade da Paraíba. A elas, fica registrado o nosso reconhecimento por todo o trabalho dedicado à implantação do Curso de Pós-Graduação.

A pessoa de Maria Luiza e lembrando também de Ana Polke que acaba de chegar do exterior, dirigimos as nossas felicitações pelo seu trabalho atual frente à administração da Escola. Estas felicitações se estendem também às nossas ex-diretoras, Jandira, Marta, Etelvina e Cacilda.

Aos professores e funcionários do Curso de Biblioteconomia e da Pós-Graduação, também grandes responsáveis por todo o sucesso da Escola, os nossos parabéns.

E quanto a nós, os alunos, estamos aqui torcendo e procurando contribuir para o engrandecimento desta Escola. A nossa certeza é de que aqui continuará sempre havendo espaço para o crescimento, a busca e a pesquisa séria e objetiva.

\* \* \*

*Discurso da representante do corpo discente do Curso de Graduação da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Andréa Hollerback Siqueira Reis.*

A minha presença aqui, as minhas palavras, têm na minha pessoa apenas um representante. É a presença de toda a Graduação, são suas as palavras. O momento é de festa, mas a Graduação tem uma responsabilidade: manifestar o seu pensamento sobre a sua escola.

Para esta responsabilidade me sinto mais preparada. Mais até que a maioria de meus colegas. O curso é o mesmo, mas a minha vivência de escola e de mais outros poucos alunos, é diferente. Numa monitoria o convívio extrapola a sala de aula: vai aos corredores, vai à sala dos professores, vai ao café, ao bate-papo daqueles que se sentem responsáveis pela casa. Há mais tempo. Há mais tempo para as pessoas. Há mais tempo para se descobrir as pessoas além de suas matérias e funções. E isto é muito importante. O que faz uma escola verdadeira não é aluno-aluno; professor-professor; diretor-diretor; funcionário-funcionário. É gente fazendo, realizando o que gosta.

Para ser um verdadeiro aluno, formar-se, sair profissional, não basta assistir passivamente às aulas.

Não se justificam críticas à morosidade de um curso, quando adotamos uma atitude inativa, individualista. Chegar, tomar lugar, sair.

Nada é fácil: nem assistir aulas, nem dar aulas, nem dirigir escola. Mas pode ser mais agradável.

A minha experiência como representante dos alunos no Colegiado está sendo muito boa, pois estou vendo o outro lado da coisa.

Não é fácil administrar e muito menos encontrar soluções viáveis para os problemas, que não são poucos em uma escola.

O que eu tenho visto e que me animou foi uma grande vontade de luta encontrada no meio dos professores e funcionários. E muitas vezes isso não é transmitido aos alunos.

A escola é muito pequena e ao mesmo tempo muito grande, pois talvez a maioria dos alunos não conheça o seu colega de período diferente, ou mesmo um professor ou um funcionário.

Falta de tempo, interesse... Não sei bem o motivo disso.

Sei, apenas que numa escola é preciso que haja um entrosamento muito bom entre todos os seus elementos.

A escola não pode ser tão paternalista a ponto de promover esse entrosamento, nem tão pouco desinteressada sobre a opinião de seus alunos.

A imagem da escola como "monótona" ou "de vagar" tem que ser mudada. É preciso uma participação maior, um interesse por tudo, uma contribuição individual, para que ela cresça e se inteire cada dia mais.

Deveríamos deixar nossa marca de contribuição por onde passássemos e esta é uma hora própria, pois tenho certeza que a Escola precisa de cada um.

E mudando a sua imagem, movimentando-a é que estaremos contribuindo para modificar a própria imagem do bibliotecário. Pois de uma escola dinâmica,

atual, aberta, sairão profissionais abertos, dinâmicos e sempre dispostos a dar informação.

\* \* \*

*Discurso do representante dos funcionários da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Ildeu de Abreu Rocha.*

Quis nossa querida Vice-Diretora, Prof<sup>a</sup> Maria Luiza, que os funcionários se fizessem presentes nesta solenidade. Cabendo a mim o privilégio de representá-los, encarrego-me de agradecer a Maria Luiza por mais essa prova de amizade e consideração para conosco.

Dos acontecimentos que marcam os trinta anos da Biblioteconomia poucas condições teríamos de abordá-los, à vista do curto tempo de funcionários que somos desta Unidade. Registramos, à guisa de congratulação, o mais recente: nossa prezada Diretora, Ana Maria Polke, de volta da Inglaterra, onde obteve o Doutorado.

Mas cremos caber aqui referências à Escola de Biblioteconomia — comunidade de trabalho. Na profissão, sabemos, o homem se projeta, se realiza pela vontade, sensibilidade, amor; projeta-se como pessoa humana. Sentimos essa mística do trabalho vivida por nós — no relacionamento professor/aluno/funcionário, no respeito mútuo, no desempenho de cada tarefa, didática ou administrativa, em clima fraterno e solidário. Somos uma comunidade fraterna e solidária.

A grandeza de toda profissão, no dizer de Saint-Exupéry, “está principalmente em unir os homens; só há um luxo verdadeiro: o das relações humanas”.

São também nossas as alegrias deste trigésimo ano de atividades da Escola de Biblioteconomia.